



Recortes de Imprensa

Novembro 2015



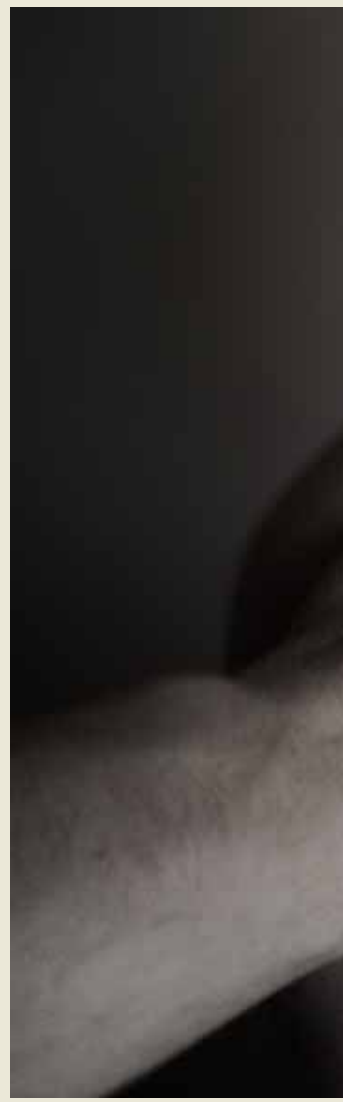
COM O APOIO:





Violência

Suécia encara tabu e abre primeira clínica para homens violados



Hospital de Estocolmo tem um novo centro especializado em acolher e tratar homens violados. Fará sentido em Portugal, onde 1% das participações de crimes sexuais são feitas por homens? Especialista em saúde pública olha para instalações do género como “geradoras de grandes iniquidades”

Ana Maria Henriques

Em Estocolmo, na Suécia, os homens vítimas de violência sexual têm, desde meados de Outubro, um centro médico de apoio dedicado. Naquela que é considerada a primeira clínica do mundo com este tipo de especialização, rapazes e homens serão acolhidos e tratados por uma equipa preparada para os aconselhar, desde questões médicas a legais.

A clínica gratuita de Södersjukhuset faz parte da estratégia de garantia de igualdade de género nos serviços de emergência médica suecos, nomeadamente em casos de violação ou assédio sexual. É “inteiramente financiada pelos contribuintes”, assegura o jornal norte-americano *The Washington Post*, e o investimento inicial terá



rondado os 182 mil euros. O projecto foi anunciado em Junho último e abriu as portas a 15 de Outubro. As vítimas do sexo masculino podem dar entrada na clínica a qualquer hora do dia (e a qualquer dia da semana).

A campanha para a criação do centro médico foi liderada pelo Partido

Popular Liberal sueco. O porta-voz do partido, Rasmus Jonlund, acredita tratar-se “da primeira clínica [do género] no mundo”, uma vez que as pesquisas que realizaram não provaram a existência de instalações semelhantes, avançou ao *site* The Local. “Não sabemos quantas pessoas a vão

usar (...), mas sabemos que há muitas que sofrem este tipo de ataques e não procuram cuidados”, explicou Jonlund. “A nossa esperança é que muitas mais destas vítimas escondidas possam, agora, ter ajuda.”

No mesmo hospital – um dos maiores da capital sueca – funciona também o maior centro de ajuda daquele país para apoiar mulheres vítimas de agressões sexuais. Entre 600 e 700 utentes são, em média, atendidas por ano na clínica. Segundo uma megassondagem divulgada no ano passado pela Agência Europeia para os Direitos Fundamentais, 46% das suecas inquiridas disseram já ter sido vítimas de violência, naquela que é uma das mais altas percentagens da União Europeia. No ranking do Fórum Económico Mundial que mede a igualdade de género, a Suécia ocupa o 4.º lugar (em 142).

Em 2014 foram reportados 370 casos de violência sexual contra homens ou rapazes na Suécia, de acordo com dados apresentados

pela versão em inglês do The Local. Em Portugal, os números existentes são da Associação de Apoio à Vítima (APAV) e, tal como naquele país nórdico, escondem uma “cifra negra”. Daniel Cotrim, da APAV, revela que 1% das participações de crimes de violência sexual são de homens, com mais de 18 anos. Muitos outros ficarão por participar e o silêncio é motivado não só pelo medo mas também pela vergonha: falar em violação contra os homens “ainda é um tabu”, acredita. Mas as “questões de identidade sexual e de género colocam-se exactamente da mesma maneira e precisam de apoio”.

Percentagem “positiva”

A percentagem relativa a Portugal é, para Cotrim, “positiva”: “Significa que 1% de pessoas já perceberam que podem e devem denunciar este tipo de situações.” “Temos de nos lembrar que existem violações dentro da relação conjugal, tanto em casais heterossexuais como homossexuais,



COMMONS



e que esta violação não é referida ou denunciada pelas vítimas”, faz questão de salientar, dado que se trata de uma “relação de dependência com o próprio agressor”. “Muitas vezes não têm, sequer, a consciência de que aquilo que lhes aconteceu é uma violação.”

Apesar dos estudos recentes continuarem a apontar as mulheres como principais vítimas de violência – psicológica, física, financeira ou sexual –, “o facto é que cada vez há mais homens a queixarem-se de serem vítimas”. Quem o diz é o presidente do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Henrique Barros, que sugere “questões de natureza anatómica e de brutalidade da força” como a justificação mais vezes invocada para explicar o “menor impacto da violência sexual das mulheres contra os homens”. Estes argumentos, contudo, perdem relevância quando se trata de relações entre pessoas do mesmo sexo, em que “a violência sexual é parecida

“[Em Portugal] Houve uma intenção de normalizar estas situações e a forma de o fazer, de um ponto de vista médico, foi colocá-las nos médicos de família”, explica Henrique Barros

com a das heterossexuais de homem para mulher”.

Pode um centro especializado como o de Estocolmo ser adaptado à realidade portuguesa? Henrique Barros considera necessário, primeiro, “ver como se organizam os serviços sociais e de saúde em cada país”.

Ao contrário do que acontece, por exemplo, em Inglaterra e na Holanda (onde as vítimas são encaminhadas para clínicas especializadas em doenças de transmissão sexual), diz, Portugal apostou em não perpetuar instalações potencialmente estigmatizantes. “Houve uma intenção de normalizar estas situações e a forma de o fazer, de um ponto de vista médico, foi colocá-las nos médicos de família”, explica. O que também pode, admite, criar desconforto na hora de o utente falar com o profissional de saúde, “uma vez que o médico de família pode ser, por exemplo, o médico da mãe”.

“Tornar os serviços de saúde e sociais amigos das vítimas” é aquilo que o docente universitário vê como fundamental. Independentemente da área de residência, as vítimas “deveriam sentir que podem ir ao primeiro sítio que encontram e ser bem recebidas”. No “mundo ideal” de Henrique Barros, as condições seriam idênticas em qualquer zona do país,

existindo ou não centros dedicados. “No fundo, [estes] são geradores de grandes iniquidades e podem ser um bocadinho mais teatrais do que funcionais” – ainda que sirvam como “unidades exemplificativas”, ressalva. Um modelo de “proximidade e de abertura”, defende, seria mais condizente com a cultura portuguesa.

Em Portugal não existe nenhum centro de apoio médico especializado a mulheres ou homens que foram vítimas de violação ou assédio sexual. Quando uma pessoa é vítima de violação, descreve Daniel Cotrim, é feita “uma consulta de perícia médico-legal”, numa delegação do Instituto de Medicina Médico-Legal, na qual é efectuado um “protocolo de verificação do que aconteceu”, para se recolherem os dados necessários ao avanço do processo de um ponto de vista legal. As vítimas são, depois, encaminhadas para uma consulta com o médico de família. O apoio psicológico ou social é, muitas vezes, conseguido através de organizações como a APAV.

Desconstruir mitos e estereótipos e trabalhar mentalidades é aquilo que Cotrim vê como prioritário, antes mesmo de se partir para a construção de unidades de apoio. “A mentalidade generalizada é a seguinte: quando uma violação acontece a um homem, é porque ou não gosta de mulheres – e é associado a determinada orientação sexual –, ou não foi realmente violado”, exemplifica.

É aqui que entram as escolas, o lugar por excelência para se incutir uma cultura mais tolerante. “A violência de género e nas relações íntimas é, por um lado, uma questão de educação sexual e, por outro, uma questão de educação para a civildade”, reflecte Barros. Não pode é limitar-se à escolaridade obrigatória: “Há tópicos de sociedade e convivência que devem ser reforçados ao longo da vida.”

 **Ver também em**
p3.publico.pt



Em 2014 foram feitas
27.317 participações de
violência doméstica
2.276 por mês,
75 por dia,
3 por hora
42 mulheres morreram

Sobreviver e **ter esperança**

Esta é uma edição muito especial. Através do testemunho de Alexandra Roque, vítima de violência doméstica – e, paralelamente, de alguma comunicação social – chamamos a atenção para um drama persistente na sociedade portuguesa.

Refere o relatório *Violência Doméstica 2014. Relatório anual de monitorização* do Ministério da Administração Interna que, de 2008 ao ano passado, “apesar das oscilações verificadas anualmente, não surge qualquer tendência significativa do ponto de vista estatístico em termos do seu aumento ou diminuição”. Este ano, comparativamente ao período homólogo de 2014, as participações às forças de segurança baixaram 0,6%. **Ou seja, hoje já foram, ou serão ainda, apresentadas mais três queixas.**

As vítimas são sobretudo mulheres (84%), casadas ou em união de facto (48%), com idade média de 41 anos, mais de dois terços com habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9º ano, refere o mesmo relatório. Já os denunciados são geralmente do sexo masculino (87%), casados ou em união de facto (49%), com idade média de 43 anos, em quase três quartos com habilitações iguais ou inferiores ao 9º ano. A aumentar tem vindo o número de detenções: foram efetuadas 618, mais 21% face a 2013.

“O silêncio é a melhor arma do crime usada pelo agressor/a”, explica o Dr. Daniel Cotrim, da APAV. É, portanto, essencial que a vítima supere a vergonha e fale com familiares ou amigos, procure a ajuda de uma instituição. Ser menosprezada, humilhada com alguma regularidade é sinal de alerta, evidência de violência psicológica que, em geral, evolui para a física. Mesmo que não evolua, convém saber que a violência psicológica não é impossível de provar, como muitas vezes se pensa, refere. De motivo para a agressão serve sobretudo o ciúme, problemas no trabalho e maus resultados desportivos do clube de eleição. Não, não é anedota, o futebol é uma “justificação” em pleno século XXI.

Mas as vítimas não são só mulheres, são também homens e pais, em especial os idosos. A violência feminina, sobretudo psicológica, passa por ameaças de envenenamento, expulsão de casa, por desaparecer com os filhos. Notícia positiva, é a de que as forças de segurança estão hoje mais preparadas para lidar com estes casos, pelo que não há que ter vergonha de a elas recorrer, assegura Daniel Cotrim. Sobre os pais idosos recai violência física mas também financeira, já que os filhos podem negar-lhes dinheiro ao gerir as suas contas bancárias. Mais uma vez, **é preciso denunciar, por mais que custe, e saber que, como no caso de Alexandra Roque, é possível refazer a vida e tentar voltar a ser feliz.**

Esta é uma edição especial também porque Elsa Soares e Catarina Dias vieram do norte do país até Lisboa para serem Modelos por um Dia, realizando um sonho; porque temos um vasto dossier que deve ler, pela sua saúde; porque temos propostas de moda, beleza, cultura e uma viagem *low cost* muito apetecíveis.

Para a equipa, foi muito especial fazer esta Woman Gloss.



Todos os dias há 14 homens que se queixam de violência doméstica

Criminalidade. Desde 2014, a PSP registou 7144 agressões a homens pelas mulheres. Há de tudo: da que esfaqueou o marido na rua até à que partiu à martelada os copos que ele adorava. São cerca de 20% das denúncias nesta área

RUTE COELHO

Há duas semanas, uma mulher inconformada com o fim do casamento combinou um encontro com o ex-marido, na zona de Belém, e esfaqueou-o nos braços e nas mãos com uma faca de cozinha. Já havia queixas anteriores do homem por ataques e perseguição contra a ex-mulher. Esta foi uma das mais de duas mil situações de violência doméstica contra homens denunciadas à Polícia de Segurança Pública (PSP) já neste ano, uma média diária de 14 agressões, físicas ou psicológicas.

Em 2014, no total, foram registadas pela PSP 5136 ocorrências, em que são os maridos ou companheiros os alvos, enquanto o Relatório Anual de Segurança Interna apontava para cerca de seis mil. Destes atos criminosos, três resultaram na morte da vítima e 29 em ferimentos graves, segundo os dados oficiais da PSP facultados ao DN. No primeiro semestre deste ano, chegaram à PSP 2008 participações de violência doméstica exercida por mulheres (os dados sobre violência nos casais homossexuais é tratada à parte pelas polícias). No total, em ano e meio, a PSP recebeu 7144 denúncias por este crime com vítimas masculinas. Ainda assim, no primeiro semestre deste ano registaram-se menos 55 ocorrências do que no período homólogo de 2014 (2063 casos).

Segundo a PSP, "na esmagadora maioria das vezes a violência é praticada sem recurso a qualquer tipo de arma". Em 2014 (de janeiro a dezembro) a polícia verificou 13 situações em que foi utilizada uma arma branca e em 2015 houve também uma com faca (o caso contado no início).

Veneno e copos partidos

A experiência que a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) tem é que "são muito raros os casos de violência física das mulheres contra os homens, sendo muito mais frequente a violência psicológica", como refere Daniel Cotrim, membro da direção da APAV. "Por vezes, são casos que se arrastam durante anos, alguns com a ameaça do veneno, como o da mulher que dizia sempre ao jantar que aquela podia ser a última sopa que o marido comia."

Um homem apoiado pela APAV acabou por ser hospitalizado por



Gone Girl: o extremo da violência

CINEMA A manipulação psicológica é arma da protagonista do filme *Gone Girl* (*Em parte incerta*), Amy (Rosamund Pike), que traça um plano para se vingar do marido infiel Nick (Ben Affleck). Amy finge a sua própria morte, desaparece da cidade onde vivia com

o marido, e fica a assistir à queda em desgraça de Nick, que se vê acusado do homicídio da mulher. O preço do regresso de Amy é a submissão, para sempre, de Nick. Na realidade portuguesa, a agressão psicológica é a mais usada pelas mulhe-

res quando querem magoar os companheiros. Segundo a APAV, há casos de violência psicológica que se arrastam durante vários anos. Quando recorrem à agressão física, as mulheres usam sobretudo armas brancas, referem os dados policiais.

golpes causados por... vidros partidos. Ele dedicava as manhãs de sábado a limpar os copos de cristal fino da Boémia que oferecera à mulher no início do casamento, prenda que ela sempre detestou. Irritada, disse-lhe uma vez: "Gostas tanto dos copos que um dia

ainda vais para a cama com eles." E o marido assim fez: um dia pegou nos copos e levou-os para a cama, para os limpar e contemplar. A mulher pegou num martelo e partiu os copos em mil caquinhos, alguns dos quais ainda se infiltraram nas costas do marido.

Neste ano ainda não há dados consolidados sobre a violência doméstica contra homens, referiu a PSP. Mas se a comparação for feita entre os primeiros semestres de 2014 e 2015, nota-se um ligeiro decréscimo no crime praticado por mulheres neste ano, como referiu a direção nacional da polícia nos dados enviados ao DN. No primeiro semestre deste ano, a PSP registou menos 55 ocorrências do que no período homólogo de 2014 (2063 casos).

lheres por violência doméstica. Ainda assim, estes casos continuam em franca minoria quando se compara com o vasto universo de mulheres vítimas de violência doméstica.

O Relatório Anual de Segurança Interna de 2014 registou 6196 vítimas do sexo masculino (19,2% dos casos) por violência doméstica quando as vítimas do sexo feminino foram 25 931 (80,8% dos casos). O psicólogo da APAV realça as diferenças entre os dois tipos de violência: "O homem quando agride é porque está motivado em função do género: é normal agredir. A mulher quando agride o companheiro não o faz em contexto de violência de género mas por estar frustrada por ele ser mais fraco do que desejaria ou não ser o suporte nem garantir o sustento." A violência exercida pelas mulheres "é transversal a todas as classes sociais".

Vergonha em denunciar

Daniel Cotrim receia que "não existirão ainda mais queixas de homens por vergonha e preconceito social". "Assim como há cifras negras na violência contra as mulheres, deverá existir uma cifra negra muito grande de homens vítimas que não apresentam queixa."

A tendência nos últimos cinco anos tem sido a do ligeiro aumento das participações contra mu-

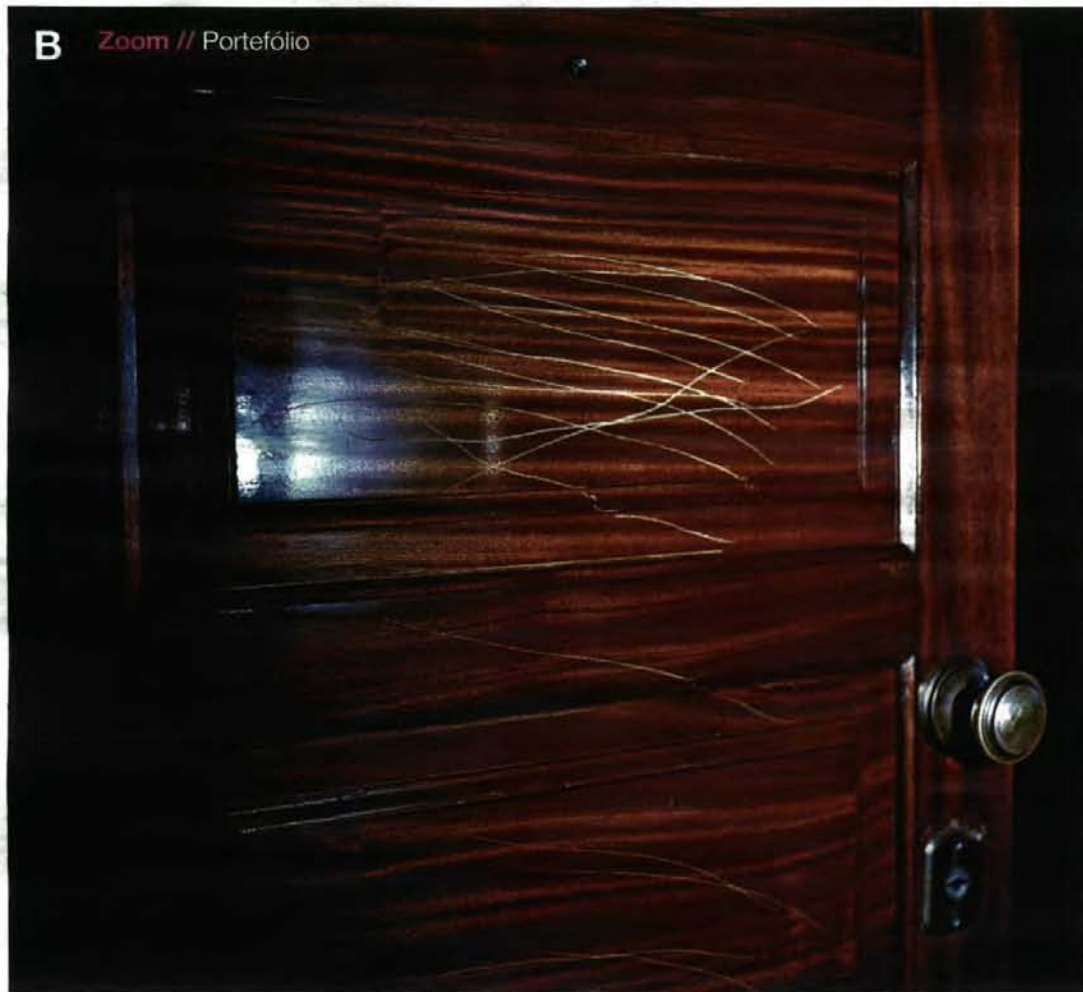
Vítimas de violência doméstica



Fonte: RASI



B Zoom // Portefólio



JOÃO, 44 ANOS

“Tento ter tranquilidade e paz de espírito diariamente para viver nesta situação.” O João tem sido sofrido de violência psicológica por parte da ex-mulher, que neste momento está com pena suspensa mas continua a persegui-lo. Recentemente riscou a porta de João por não o ter encontrado em casa. Almada, Outubro de 2014.

Exposição. A vida depois da violência

O que acontece às pessoas que sofrem crimes violentos? José Sarmento Matos, em colaboração com a APAV, procurou encontrar uma resposta. O resultado é “O Virar da Página”, um documentário fotográfico que fala sobre as transformações e as lutas interiores das vítimas. Entre Setembro de 2014 e Abril de 2015, mais de 30 pessoas foram fotografadas e relataram a violência que viveram. Até 20 de Dezembro, a exposição pode ser vista no Espaço Novo Banco, no Marquês de Pombal, Lisboa

JOSÉ SARMENTO MATOS (Fotografias)
fotografia@ionline.pt



CATARINA, 25 ANOS

“Se o ataque na garagem não tivesse acontecido, eu provavelmente nunca teria tido liberdade. Depois disto, a minha vida mudou imenso. Estou a viver com o meu namorado e acho que nunca fui tão feliz. Foi mesmo um ponto de viragem.” Depois de muitos anos de abusos físicos e psicológicos, o ex-namorado de Catarina tentou matá-la na sua garagem. Às 8h00 de um domingo, a mãe ouviu um barulho estranho e sentiu que alguma coisa estava a acontecer. Foi ela que conseguiu salvar Catarina. Alverca, Outubro de 2014.

**ANGELINA, 53 ANOS**

“Fiquei tão aliviada quando ele foi apanhado pela polícia. Mas ainda tenho medo que tente matar-me depois dos 25 anos de pena. A única esperança que tenho é que Deus se lembre de mim.” Angelina viveu uma relação de 29 anos na qual sempre sofreu de abusos físicos e psicológicos. Depois do divórcio foi para uma casa de abrigo da APAV. No entanto, o ex-marido continuou a procurá-la durante anos. Em Abril de 2014 conseguiu tirar a pulseira electrónica (que controlava a distância que mantinha de Angelina), matou a mãe e tia da ex-mulher e tentou matar a filha. Angelina foi baleada na perna por duas vezes. O assassino conseguiu fugir durante 34 dias. Angelina continua com medo de que, passados os 25 anos de prisão, o ex-marido a queira matar a ela e aos filhos. Valongo dos Azeites, Vila Real, Outubro de 2014.

NICOLE, 20 ANOS

“Há uma grande diferença entre o presente e o passado. Há uma grande diferença entre ser feliz e estar em sofrimento. Agora sou casada com alguém que me ama.” Nicole foi vítima de abuso sexual e maus-tratos pelo ex-namorado quando tinha 11 anos de idade. Aos 12 engravidou e, durante esse ano, viu-se forçada a ficar em casa da família do ex-namorado, onde a obrigavam a fazer trabalhos domésticos e a maltratavam. “Eu não podia falar com a minha família, estava presa. Não me deixavam descansar. Batiam-me na cabeça e queimavam cigarros nos meus braços. Desmaiei várias vezes. Eles não gostavam de mim. Não se preocupavam com o facto de estar grávida. Nunca recebi amor e carinho deles.” Passados três meses do nascimento da filha, a irmã de Nicole, que já desconfiava do que se passava, conseguiu tirar Nicole e a bebé, Joana (à direita na fotografia), da casa da família do ex-namorado. Nicole casou anos depois com um homem que a ama e a trata bem (na moldura, ao seu lado). Rabo de Peixe, Açores, Outubro de 2014.

**MIRIAM, 25 ANOS**

“No final, só tenho boas memórias.” Miriam ficou traumatizada com o assassinato do namorado. Durante um ano, negava e não aceitava a morte dele. Miriam acreditava que um dia ele iria aparecer em casa. Para ela, tudo não passava de um pesadelo. “A realidade era mais difícil de aceitar que um pesadelo. Perder a ilusão de que ele estava vivo deixou-me sem esperança.” Mais tarde, Miriam começou a escrever um livro sobre o namorado, o que a ajudou a expressar os seus sentimentos. Esse facto e o apoio psicológico da APAV ajudaram-na a recuperar do trauma e da negação. Chelas, Lisboa, Setembro de 2014.

Sónia Reis “A violência nunca é resposta”

A 25 de novembro celebra-se o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que está a celebrar 25 anos, assinala a efeméride com diferentes iniciativas em todo o país, alertando “para a necessidade de não se tolerar qualquer forma de violência exercida contra as mulheres, em particular a violência doméstica”. O TL falou sobre prevenção da violência com Sónia Reis, gestora da Linha de Apoio à Vítima (116 006)



Saber é poder. “A pessoa quando está mais informada, fica menos vulnerável.” Palavras de Sónia Reis, também psicóloga criminal e do comportamento desviante, que não se cansa de repetir a mensagem de que “a violência – física e psicológica – não poderá ser tolerada de forma alguma”. O medo das vítimas chega a ser paralisante. Mas a informação é uma aliada contra o fenómeno da violência doméstica que abrange vítimas de todas as condições e estratos sociais e económicos.

A data de 25 de novembro alerta a sociedade para os vários casos de violência contra as mulheres.

Portugal está sensibilizado para eliminar este flagelo?

As pessoas estão cada vez mais sensibilizadas e alertadas para este tipo de problemas. Há cada vez mais informação. Se estamos preparados para combater? Ainda há muito trabalho a fazer, quer da sociedade civil quer do próprio sistema. Acredito que estamos num caminho mais à frente do que estávamos há uns anos. Já houve evolução mas ainda há muito para fazer. É isso que a APAV tem tentado ao longo destes 25 anos de existência.

Que caminho ainda falta percorrer?

Falta que todos tenham consciência de que isto é um problema da sociedade. Todos temos um papel a desempenhar nestas situações. Que não viremos a cara para o lado como se não nos dissesse respeito, ou porque não conhecemos ninguém que esteja a passar por isso ou porque a pessoa que conhecemos não é da nossa família. É um problema de todos nós. É um crime público. Na dúvida, há sempre um contacto que pode ser feito para se perguntar como é que se deve agir nessa situação para se proteger aquela vítima.

Que respostas concretas faltam para enfrentar o fenómeno da violência?

Que se tenha consciência de que é um crime bastante grave, que pode ter consequências trágicas e que há possibilidade de prevenir algumas dessas situações com medidas preventivas, penas que façam com que aquele agressor não volte a cometer o mesmo tipo de crime. É o que falta fazer. A nossa lei é muito boa. É preciso saber aplicá-la cada vez melhor, pensando sempre numa perspetiva de prevenção, quer em

relação àquela vítima quer com outras.

É gestora da Linha de Apoio à Vítima. As chamadas têm vindo a aumentar?

Esta é uma linha telefónica de âmbito nacional e o número de chamadas tem vindo a aumentar. Ao longo destes 25 anos da APAV, os processos são cada vez mais complexos. O trabalho que é feito nos gabinetes e na Linha de Apoio à Vítima vai mais além do que no início. Cada processo são vários atendimentos. Temos diferentes tipos de apoio: jurídico, psicológico, social... Trabalhamos em rede com outras entidades. As respostas são cada vez mais proficuas para as vítimas.

Qual o tipo de queixas mais recebidas?

As situações que chegam à nossa linha, maioritariamente, são de violência doméstica. Também temos situações de *bullying*, em que os pais nos pedem ajuda para

situações que se estão a passar com os filhos.

Ainda se surpreende com todos os casos de que tem conhecimento?

Já trabalho nesta área há muitos anos e já ouvi muitos relatos ligados ao crime de violência doméstica. Todos me surpreendem. Porque todos representam um crime contra as pessoas. Apesar destes anos todos, ainda me surpreendo, porque é suposto evoluirmos como sociedade. Não basta a lei evoluir, as pessoas também têm de evoluir... Tento sempre olhar para cada situação como sendo única, fazendo o que é possível da nossa parte. Há situações inacreditáveis do ponto de vista físico que ainda se passam no século XXI. A violência psicológica, que está sempre presente na violência física, consegue reduzir uma pessoa a quase nada. Para além das questões legais, a APAV tenta



“O comportamento dos pais é fundamental. As crianças estão constantemente a aprender pela observação. O exemplo tem de começar em casa”

recuperar esta pessoa. O horror do medo leva a que ela deixe de ter uma vida normal. Deixa de ter autoestima, vontade de viver... O nosso trabalho tem de ser feito com cada situação que é única – não é mais uma.

Quais os fatores de risco para ocorrer violência?

Há vários fatores, quer do lado da vítima quer do lado do agressor. A vítima tem muitas vezes fraca autoestima, poucos recursos e está isolada pelo próprio agressor, o que aumenta o risco da violência. Relativamente ao agressor, a posse de armas e as dependências

associadas potenciam a agressividade.

O que tem sido feito pela APAV na prevenção da violência nas escolas? E que dificuldades sentem nesse trabalho?

A APAV faz diferentes ações de sensibilização junto das escolas. Este trabalho tem o objetivo de fazer prevenção primária. É difícil trabalharmos com crianças quando a realidade em casa é completamente diferente daquela que queremos transmitir e que é a correta. São barreiras que temos vindo a enfrentar. Desconhecemos que a violência já existe. Daí que seja importante trabalharmos com as crianças cada vez mais cedo, com metodologias aplicadas a essas idades, para que consigamos fazer uma verdadeira prevenção primária.

Em famílias ditas normais, embora a normalidade varie em cada estrutura familiar, como se pode prevenir que os filhos levem para a escola comportamentos de violência?

Em primeiro lugar, o comportamento dos pais é fundamental. As crianças estão constantemente a aprender pela observação. O exemplo tem de começar em casa. Quando a violência acontece à frente das crianças é difícil que consigam assimilar a mensagem de que a violência não é a resposta. Não é por acaso que atendemos vítimas adultas que nos dizem que era o que acontecia em casa.

O que deve ser ensinado às crianças e aos jovens para intervirem, caso assistam a uma cena de violência entre os seus pares?

Há que perceber que quando assistirem a cenas de violência, têm de falar. É importante perceberem o que está bem e o que está mal, diferenciarem as duas coisas e, ao mesmo tempo, saberem com quem podem falar. E podem falar com os pais em casa ou com os professores responsáveis por eles nas escolas. Porque a violência nunca é a resposta. ■ **Silvia Júlio**

NÚMEROS PREOCUPANTES

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É CRIME E DEVE SER DENUNCIADO

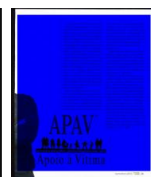
TEXTO | RICARDO PERNA

FOTOGRAFIA | RICARDO PERNA E GEORGE CRUX

Situações como a da Maria, que contamos no artigo anterior, são comuns no nosso país. A violência doméstica não tem um perfil ainda definido, nem de vítimas nem de agressores, pelo que o trabalho a fazer é o da sensibilização para a importância da denúncia e o apoio rápido e eficaz para as vítimas que têm a coragem de se chegarem à frente para denunciar a situação.

Foram mais de 24 mil os casos de violência doméstica registados pelo Ministério da Administração Interna, só o ano passado. Como a situação da Maria, retratada no artigo anterior, tendem a ser cada vez menos, já que as mulheres estão menos tempo sob o jugo dos agressores. «88% das vítimas de violência doméstica são mulheres», diz Daniel Cotrim, da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). «Quando começámos nisto, há 25 anos, as primeiras mulheres que nos chegavam tinham 50 e 60 anos e já viviam uma situação de abuso e violência há 30 ou 40 anos. Hoje, felizmente, as mulheres que nos chegam têm entre 25 e 45 anos de idade, e o crime durou cerca de 6 anos, o que nos deixa satisfeitos», afirma.






Atualmente levantam-se outras preocupações. «O tipo de violência exercido hoje é muito pior. Passa-se muito rapidamente da violência psicológica à física. Este ano, as tentativas de homicídio aumentaram e a perspectiva de aumento dos homicídios é real», lamenta este responsável, que aponta a «sazonalidade» do crime. «A violência doméstica é um crime sazonal, acontece mais em casos de férias prolongadas, no Natal, que são alturas de maior choque, depois estabiliza com o início do ano letivo. Também diminuem as denúncias, porque as pessoas não querem retirar as crianças da escola, e aguentam até às férias», explica.

Muitas mulheres não arriscam a denúncia por causa da perceção de que o caso não se vai resolver e que só piorará a sua situação. «Algumas dessas perceções não estão erradas. A ideia que as pessoas têm é que

os processos demoram muito tempo, que se arrastam por muito tempo na justiça, que as pessoas são obrigadas a sair das suas casas, a perceção que as pessoas têm é de que o número de mulheres assassinadas tem aumentado, etc.», enumera.

É por isso que se justifica falar numa «cifra negra», de dimensões impossíveis de calcular. «O número de mulheres que não participam as situações de violência doméstica pode ser muito maior do que aquele que pensamos», lamenta.

Este é um drama que preocupa a APAV, principalmente por ser muito difícil de detetar. «Penso que sempre o foi, mas hoje a violência doméstica é um crime perfeitamente transversal a idades, estatutos, sexo, raça ou credo», refere. Na tentativa de conhecer melhor «o perfil do agressor e da vítima», um projeto-lei aprovado no início de setembro permitirá a criação de um grupo de estudo «que vai mapear a violência doméstica, onde acontece e a quem, para se fazer perfil da vítima e do agressor», afirma Daniel Cotrim. 



APAV[®]



associação portuguesa de

Apoio à Vítima



Outra das críticas deste responsável é à discriminação territorial no sentido do apoio às vítimas. «Em Lisboa, há profissionais da polícia preparados para lidar com a violência doméstica e tem uma secção própria do DCIAP para lidar com isto, mas em cidades do interior isso não acontece, há um país de primeira e um país de segunda ou terceira», critica.

Segundo este responsável, «das mais de 2 mil pessoas que atendemos em Lisboa, apenas 300 eram de Lisboa, o resto era de regiões à volta. Os planos regionais deveriam criar *standards* mínimos obrigatórios para que a mulher que vive em Condeixa-a-Nova não seja discriminada em relação à mulher que vive em Lisboa. Espero não me enganar, mas não é assassinada na cidade de Lisboa uma mulher desde 2011, o que é muito bom. Muitas mulheres foram assassinadas no distrito de Coimbra, onde não há resposta para estas mulheres, que estão longe dos pontos de apoio», avisa.

Hoje em dia, a crise económica veio trazer problemas acrescidos na autonomização das vítimas de violência doméstica que são obrigadas a refugiar-se em casas-abrigo e não só. «Neste período de crise, aumenta o número de meses que as mulheres permanecem nas nossas casas. Se antes ficavam quase um ano, agora são quase dois. Esta mulher precisa de ter um emprego, mas as mulheres são as que ganham menos, e arranjam empregos precários, de escravatura, das



5 da manhã às 20, passando por não sei quantos escritórios a limpar. Enquanto estão na casa-abrigo, isto é possível, mas depois não dá. Onde ficam os filhos? Não há estrutura de apoio», sustenta.

Os municípios criaram uma estrutura de apoio, e o Governo tem algumas bolsas de alojamento, mas muitas destas mulheres não as usam, pois as casas ficam longe das casas-abrigo, e é ali que estão os profissionais que trabalham com elas.

Mais difícil é a autonomização das pessoas «maiores». «Nas mulheres mais velhas, é mais difícil a autonomização. Não podemos dizer a uma senhora com 60 anos “agora vá arranjar um emprego”. Esta é a resposta que falta pensar agora», conclui.

«O tipo de violência exercido hoje é muito pior. Passa-se muito rapidamente da violência psicológica à física.»



Violência doméstica com um detido e uma arma apreendida

Este ano já morreram 40 mulheres vítimas de violência doméstica. Intervenção policial é fundamental

●●● Com os números a dizerem que, este ano, já morreram em Portugal 40 mulheres vítimas de violência doméstica, percebe-se a importância da prevenção deste tipo de crime, bem como da atuação dissuasora das forças policiais. Cada vez mais, a intervenção atempada e muitas vezes preventiva das forças de segurança – GNR e PSP – é decisiva no desfecho dos crimes de violência doméstica.

Isso mesmo aconteceu nos últimos dias, com as forças policiais a serem chamadas a intervir em casos ocorridos em Montemor-o-Velho e Coimbra.

De acordo com fonte do Comando Distrital de Coimbra da PSP, no âmbito da investigação de um crime de violência doméstica, foi detido na última sexta-feira, 6 de novembro, pelas 11H50, na zona de Arazedo, em Montemor-o-Velho, um homem de 49 anos. O suspeito foi entretanto presente a tribunal para interrogatório e aplicação de medida de coação.

Agora em Coimbra e no seguimento de uma denúncia pelo crime de violência doméstica, foi apreendida uma espingarda a um homem, com 52 anos e residência na zona de S. Martinho do Bispo.



Em S. Martinho do Bispo foi apreendida uma espingarda na sequência de uma denúncia de violência doméstica

De acordo com um comunicado do Comando Distrital de Coimbra da PSP, após confirmação da posse de armas de fogo por parte do suspeito, elementos da PSP deslocaram-se à sua residência para fiscalização. No local, verificou-se que uma das armas de fogo registada e manifestada no nome do suspeito (uma espingarda), se encontrava na posse de outro indivíduo, facto confirmado pelo denunciado.

Assim, os elementos da PSP deslocaram-se à residência daquele, um homem de 33 anos, também residente na zona de S. Martinho do Bispo, confirmando-se que o mesmo tinha na sua posse a arma em causa que, dis-



Um dos grandes constrangimentos das vítimas de violência doméstica é a falta de apoio social

- 1 Mais de 90 mil vítimas recorreram à APAV nos últimos 14 anos
- 2 Número de presos condenados por violência doméstica quadruplicou em quatro anos

se, havia sido vendida pelo suspeito ao seu pai, este já falecido.

Recentemente, a GNR divulgou que, este ano, já morreram 40 mulheres portuguesas por violência doméstica, valor que supera as médias registadas em 2013 e 2014, no Relatório Anual da Segurança Interna. O Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas (NIAVE) do comando territorial de Lisboa da GNR referiu na altura que, segundo dados oficiais, durante este ano, “já morreram às mãos de parceiros ou familiares próximos, 40 mulheres portuguesas, provocando a existência de 122 crianças órfãs”. | **Lídia Pereira**



ANTI-BULLYING

Atualmente o bullying, e muito concretamente o *cyberbullying*, representa uma das principais causas de depressão e suicídio entre adolescentes. Esta realidade prolifera a uma velocidade sem limites e conta com as tecnologias de informação e com as redes sociais para apoiar e disseminar comportamentos hostis, perturbadores e ofensivos.



O *cyberbullying* é uma nova forma de violência que amplia as consequências do bullying presencial. Enquanto neste último, o número de pessoas que assistem e incentivam o momento é limitado, no *cyberbullying* a audiência pode ser infinita.

O bully (agressor) já não é necessariamente "o miúdo forte com as costas quentes, o miúdo franzino torna-se poderoso", referia recentemente no jornal Público João Faria, psicólogo que coordena o Núcleo de Intervenção na Internet e nas Telecomunicações, na Progresso Infantil, um centro especializado em perturbações do desenvolvimento das crianças, em Carcavelos.

Se dar início a um rumor já é uma arma psicológica, na sua versão eletrónica - quer através de difamações públicas, da criação de falsos perfis ou tornando públicas fotografias de situações íntimas ou embaraçosas - estes "rumores" tomam proporções de larga escala. Para além disso, a origem de tudo isto, grande parte das vezes não passa de um ato irrefletido e impulsivo, mas com consequências devastadoras, que farão alguém sofrer por tempo ilimitado, e não poucas vezes mortais.

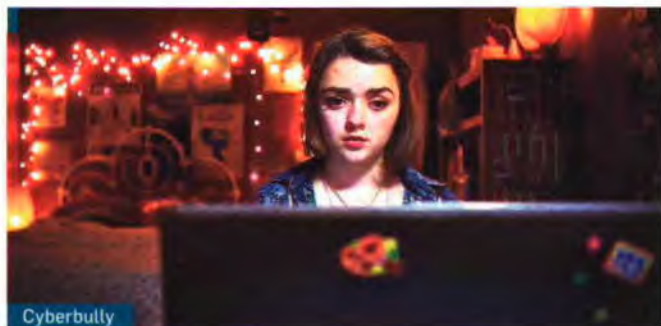
Para bem de todos, tanto o bullying como especificamente o *cyberbullying* começam a ser tema central de campanhas, filmes e estudos, um pouco por todo o mundo, o que permite sensibilizar crianças, adolescentes e adultos para esta realidade que tem sempre consequências devastadoras e que é urgente travar. Vale a pena estar por dentro.

AS CRIANÇAS E JOVENS PORTUGUESES E O CYBERBULLYING

O estudo europeu *Net Children Go Mobile* do final de 2014, reporta que 2% das crianças portuguesas dos 9 aos 16 anos dizem ter tido experiências de *cyberbullying* alguma vez na vida (dados de 2010), número que subiu para os 5% em 2014. A média dos sete países europeus estudados é de 7%.

O estudo financiado pela Comissão Europeia e que integra o projeto com o mesmo nome entrevistou crianças entre os 9 e os 16 anos, pais, professores e estagiários, de 7 países europeus - Dinamarca, Itália, România, Reino Unido, Portugal, Bélgica e Irlanda - , tendo aplicado 3.500 questionários com o objetivo de melhor compreender as consequências das experiências online dos adolescentes, as oportunidades e riscos que a internet móvel traz.

O *Net Children Go Mobile* recomenda que os pais passem a estar mais atentos aos potenciais riscos das redes sociais e que tenham um papel ativo, assegurando que os seus filhos as usam de uma forma responsável e segura. Esta é uma das missões atuais de todos os pais de crianças, adolescentes e jovens, de hoje. O mesmo estudo assegura ainda que também as escolas estão numa posição privilegiada para promover o uso responsável das comunicações móveis, o que poderá ser uma medida altamente preventiva do *cyberbullying*.



O DRAMA ESCONDIDO

Cyberbully é um premiado filme que passou na televisão britânica no início do ano, interpretado pela jovem atriz de "Games of Thrones", Maisie Williams, e que conta a história de Casey Jacobs, uma típica adolescente que de repente é ostensivamente acusada de *cyberbullying* por um culpado anónimo. O filme, inteiramente baseado em experiências verídicas, relata a luta de Casey contra o seu cyber-perseguidor anónimo e a dificuldade em sair de um ciclo destruidor e mal-intencionado em que a única solução passa por ignorar quem maltrata, prejudica e difama.

Conhecer de perto esta realidade pode ser, como referiu numa crítica ao filme o jornal inglês *Independent*, "uma excelente forma de persuadir os adolescentes, mas também uma maneira de envolver e comprometer os mais velhos". Saber que se trata de histórias da vida real faz de *Cyberbully* uma forma de tornar esta realidade mais compreensível para o público de adolescentes vítimas de bullying presencial ou via internet mas também para os que são agressores. Ajuda a entender que um *post* no Facebook pode mudar a vida de alguém para sempre e por isso, todos, crianças, adolescentes ou adultos, devem ser responsáveis por aquilo que *postam* ou dizem online, uma vez que pode, inclusive, custar a vida de alguém.

"NÃO MATES A AUTOESTIMA DE NINGUÉM"

A UNICEF Chile, viu a sua campanha contra o *Cyberbullying* ser premiada no Cannes Lions International Festival of Creativity 2015. "Uma vez é suficiente. O *Cyberbullying* é uma das principais causas de depressão e suicídio entre crianças na escola. Se tens um smartphone, usa-o com sabedoria. Não mates a autoestima de ninguém", é o mote, a mensagem é transversal a toda a gente e que tem de ficar clara.

Nesta campanha da agência Prolam Y&R, três execuções, da gorducha, do "nerd", e do fraco, mostram grupos de estudantes adolescentes a apontar os telemóveis aos seus colegas, como se de um pelotão de fuzilamento se tratasse mas também revela sempre alguém que assiste passivamente ao "fuzilamento". A campanha é só mais uma forma de fazer passar a mensagem. Hoje ninguém está livre de ser a vítima e qualquer pessoa pode evitar uma tragédia, uma vida desfeita.

"QUEM NÃO TE RESPEITA, NÃO TE MERECE"

Em Portugal, a APAV tem vindo a assegurar iniciativas de carácter preventivo, informativo e formativo sobre bullying, quer no âmbito a projetos desenvolvidos pela própria associação, como o site www.apavparajovens.pt, quer a pedido de escolas e outras organizações. Das recentes iniciativas é de destacar a campanha "Corta com a Violência. Quem não te respeita, não te merece", que reflete precisamente que o combate ao bullying não é uma tarefa de um dia nem de algumas pessoas, mas de todos os dias e de todas as pessoas. A campanha tem como objetivo sensibilizar os mais jovens para determinadas formas de violência que podem ter lugar na escola, como o bullying, a violência no

namoro e a violência sexual, chamando sobretudo a atenção para formas de violência mais subtis e, muitas vezes, menos valorizadas, tais como o gozo, a humilhação, a intimidação, os comentários de natureza sexual e as atitudes controladoras nas relações de namoro.

No dia em que celebrou o Dia Mundial de Combate ao Bullying, 20 de outubro, a APAV lembrou ainda algumas das conclusões do Barómetro APAV/Intercampus sobre a "Perceção da População Portuguesa sobre a Violência contra Crianças e Jovens" e que tão bem sustentam a necessidade de se fazerem campanhas contra este tipo de violência. Mais de metade dos inquiridos tem a perceção de que as situações de violência contra crianças e jovens aumentaram nos últimos anos, destacando-se a violência nas escolas e o Bullying, bem como a violência através da internet e das novas tecnologias. Para além disso, mais uma vez, "86% dos inquiridos referiram a família como uma das estruturas mais importantes na prevenção e combate à violência praticadas contra crianças e jovens, destacando-se também neste âmbito as escolas".

ABORDAR O TEMA, INTERVIR, SALVAR

O escritor australiano Galvin Schott Davis começou a sentir que o filho vinha da escola diferente até que percebeu que tinha sido vítima de bullying. O caso não tinha sido grave mas o suficiente para que perdesse a confiança. O australiano quis reconfortar o filho e foi assim que nasceu "*Daisy Chain*", uma história de embalar que em três anos se tornou num dos livros interativos de maior sucesso na Austrália, um curta-metragem com a narração da atriz Kate Winslet e uma app premiada pela Apple, disponível em várias línguas. O reconforto das vítimas de bullying não têm de ter a projeção e o alcance de "*Daisy Chain*" mas é fundamental que pais, professores e colegas, procurem formas de chegar ao mais íntimo despedaçado de quem sofre e para isso é necessário inovar e não desistir. Acima de tudo, é essencial não ficar indiferente e procurar soluções à medida de cada um, para poder salvar quem se perdeu. **IP**





APAV critica lei nacional para vítimas

● Entraram ontem em vigor as novas normas da União Europeia em matéria de direitos das vítimas, que alteram a forma como estas são tratadas na Europa. E se, por cá, a diretiva já foi trans-

posta para a lei nacional, nem por isso está isenta de críticas. Para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), «o Estatuto da Vítima de Crime padece de quatro “pecados origi-

nais”», nomeadamente ser «confusa e, nalguns aspetos, incoerente», «um grau de concretização muito aquém do que seria desejável» ou aquilo que se pretende em matéria de proteção.



ID: 61888343

12-11-2015

Suspeito de violência doméstica absolvido pelo Tribunal de Vila Franca de Xira

Autoridades apreenderam ao arguido 12 armas, facas e munições em Fevereiro

Arguido, ofendida e os filhos do casal remeteram-se ao silêncio no julgamento e o tribunal não conseguiu provar episódios de agressões narrados pelo Ministério Público. Caso passou-se nos Cotovios, São João dos Montes.

Um homem de 59 anos, morador nos Cotovios, São João dos Montes, que era acusado pelo Ministério Público de ter cometido um crime de violência doméstica sobre a companheira, foi absolvido pelo Tribunal de Vila Franca de Xira.

A juíza deu como não provados a maioria dos factos constantes na acusação do Ministério Público (MP), em grande parte porque as testemunhas principais da acusação - a ofendida e os filhos do casal - não quiseram prestar declarações, impossibilitando a produção de prova. Não se apurou, portanto, se as agressões descritas na acusação aconteceram de facto. Na dúvida, a juíza favoreceu o arguido.

Mas o homem não se livrou de ser condenado por um crime de detenção ilegal



de arma, numa pena de 450 dias de multa, num total de 2700 euros. Tudo porque, numa busca à residência do arguido, em Fevereiro, as autoridades encontraram 12 armas, entre pistolas, armas de ar comprimido, revólveres e espingardas. O homem tinha também na sua posse uma soqueira, um bastão extensível, 5 facas, uma ponta de lança e mais de um milhar de cartuchos e munições de vários calibres.

A pena podia ter sido mais pesada, não fosse a defesa argumentar que a maioria das armas servia apenas como elemento decorativo e exigir perícias que mostraram que a maioria estava demasiado velha para ser usada. A advogada do arguido, Raquel Caniço, confessa a O MIRANTE estar satisfeita com a decisão do tribunal e diz que foi feita justiça.

O caso remonta a Dezembro de 2014.

Na acusação o Ministério Público avançava que o arguido já vinha usando expressões ofensivas contra a companheira desde o início da relação, chamando-a de "vacca" e "cabra", tendo-a agredido por diversas vezes. Diz o MP que, "por vezes, afirmou que pretendia tirar a vida" à mulher. Os factos eram cometidos dentro da casa da família e as agressões quase diárias arrastaram-se durante vinte anos.

O Ministério Público dizia mesmo que a ofendida por diversas vezes tentara colocar termo à vida mas nunca conseguira. Em Dezembro uma discussão terá levado o arguido a agredir a mulher novamente, desta vez com uma cadeira e gravidade suficiente para esta dar entrada no Hospital de Vila Franca de Xira com ferimentos num ombro, costas e mão. Aos médicos a mulher terá dito que se magoou numa queda. Considerava o Ministério Público que o homem agira com o propósito de ofender a integridade física e moral da mulher, revelando "crueldade, egoísmo e uma profunda insensibilidade" para os valores pessoais da companheira.

Segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no último ano foram registados 17 786 crimes de violência doméstica e apoiadas 12 379 vítimas. 4 129 pessoas só no gabinete de apoio de Lisboa, onde Vila Franca de Xira se insere. Dos utentes que reportaram crimes à APAV, a maioria - 82,7 por cento - foram mulheres casadas. No total, 40 mulheres morreram em Portugal no último ano, às mãos dos companheiros, vítimas de crimes de violência doméstica ●



Café-debate aborda violência contra mulheres

MANGUALDE A violência contra as mulheres é o tema do café-debate marcado para este sábado, às 14h30, no Centro de Inovação e Dinamização Empresarial de Mangualde (CIDEM), e que conta com a participação da Secção de Programas Especiais do Destacamento Territorial de Mangualde da GNR e de Elza Pais, deputada da Assembleia da República, socióloga e com um percurso profissional académico e político dedicado à promoção da igualdade de género e à prevenção da violência familiar.

A iniciativa, que pretende comemorar o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, assinalado a 25 de Novembro.

No evento serão debatidas perspectivas e olhares sobre a

violência doméstica, quer pela parte de experientes profissionais que apoiam directamente estas vítimas, quer pela parte de especialistas sobre a temática.

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, em média, uma em cada três mulheres é vítima de violência doméstica. As mulheres representam mais de 81% das pessoas atendidas na sua rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima.

No mesmo dia, pelas 17h00, no Pavilhão Municipal de Mangualde decorrerá uma sessão de KESYI sobre Defesa Pessoal Feminina. A acção é promovida pelos professores do Centro Bujutsu de Mangualde - Artes Marciais, Pedro Veloso e David Alves e a participação é gratuita. ◀



Mangualde celebra o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres

■ MANGUALDE

Texto José Lorena

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM DEBATE

CAFÉ-DEBATE NO CIDEM VAI LEMBRAR QUE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES É O CRIME MAIS COMUM EM TODO O MUNDO. ACONTECE AMANHÃ, EM MANGUALDE

O Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, que se celebra na quarta-feira, vai ser o mote de um café-debate que se realiza amanhã, dia 21 de novembro, no Centro de Inovação e Dinamização Empresarial de Mangualde pelas 14h30.

Quem organiza quer “uma sociedade mais justa, livre de todos os comportamentos violentos e discriminatórios” contra as mulheres. Participam no encontro a Secção de Programas Especiais da GNR de Mangualde e a socióloga Elza Pais, deputada do PS na Assembleia da República e especialista em igualdade de género e prevenção da violência familiar.

A Câmara Municipal de Mangualde junta-se assim à efeméride, “assina-

lado a data como forma de alertar a sociedade para os vários casos de violência contra as mulheres, nomeadamente casos de abuso ou assédio sexual, maus tratos físicos e psicológicos”. Recorde-se que, em média, uma em cada três mulheres é vítima de violência doméstica em todo o mundo. Os participantes serão convidados a debater várias perspetivas e a lançarem o olhar sobre a violência doméstica em Portugal.

LEMBRAR TEREZA, PATRÍCIA E MINERVA MIRABAL

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o fenómeno da violência contra as mulheres abrange vítimas e agressores de todas as condições, estratos sociais e económicos, tal como os seus agressores. De acordo com os

dados da Associação, as mulheres representam mais de 81% das pessoas atendidas na sua rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima. Em 1999, a ONU designou oficialmente o dia 25 de novembro como Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres e desde então tem-se celebrado este dia um pouco por todo o mundo. A data está relacionada com a homenagem a Tereza, Patrícia e Minerva Mirabal, três irmãs presas, torturadas e assassinadas em 1960, a mando do ditador da República Dominicana, Rafael Trujillo.

No mesmo dia, pelas 17h00, no Pavilhão Municipal de Mangualde, decorrerá uma sessão sobre defesa pessoal feminina. A ação é promovida pelos professores do Centro Bujutsu de Mangualde.



ID: 61979730

13-11-2015

Violência contra as mulheres em debate em Óbidos

O Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos realiza, no dia 25 de Novembro, a partir das 20h00, um encontro formativo no âmbito do Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres.

Esta iniciativa, aberta à comunidade em geral, decorrerá no auditório da Escola Josefa de Óbidos e contará com a participação

do cabo da GNR, João Frango, do Núcleo da Escola Segura do Destacamento Territorial das Caldas da Rainha.

De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o fenómeno da violência doméstica contra as mulheres abrange vítimas e agressores de todas as condições e estratos sociais e económicos. ■ F.F.



Duas mulheres mortas por mês

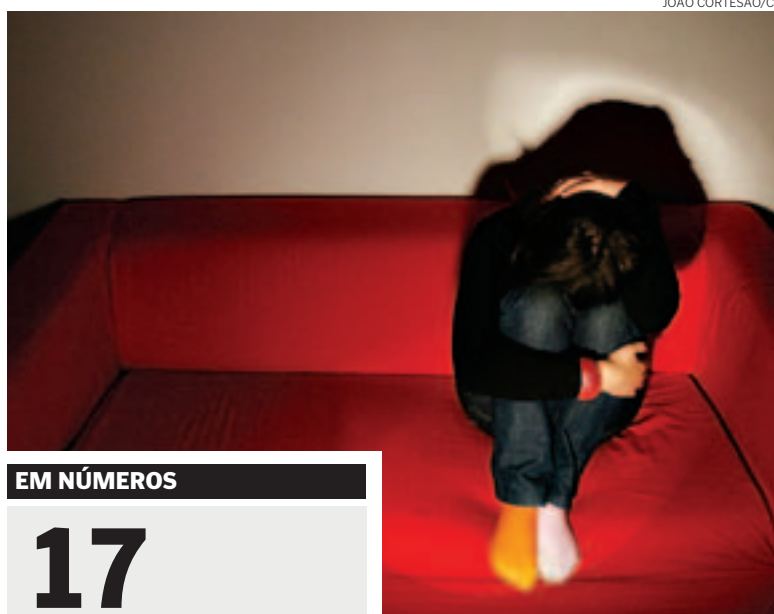
Vítimas de violência doméstica mortas às mãos de companheiros têm aumentado nos últimos 11 anos.

CARLA MARINA MENDES
cmendes@destak.pt

Os casos de mulheres vítimas de violência têm merecido destaque na imprensa nacional e é de lá que a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) retira os dados sobre femicídio e tentativas de femicídio no País. Contas feitas, este ano, até 20 de novembro, foram 27 as mulheres mortas às mãos do companheiro, atual ou passado, marido ou namorado, o que dá uma média de duas por mês. E 33 vítimas de tentativa de femicídio.

E se, revela o relatório a que o **Destak** teve acesso, este ano tem sido menor o número de homicídios consumados e tentados, nos últimos 11 anos a tendência tem sido tudo menos decrescente. Os registos do Observatório de Mulheres Assassinadas identificam 426 femicídios, 84,3% no âmbito de relações de intimidade presentes ou passadas, e 497 tentativas de femicídio.

Os dados são divulgados hoje, Dia Internacional pela Eliminação da Violên-



JOÃO CORTESÃO/CM

EM NÚMEROS

17

DAS VÍTIMAS de tráfico humano sinalizadas eram destinadas a exploração laboral.

28

INVESTIGAÇÕES decorriam sobre tráfico humano no fim do terceiro trimestre do ano.

cia Contra as Mulheres, que coincide com o lançamento de uma campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que faz o apelo: "Não fique a assistir". A ideia é reforçar a rejeição por qualquer forma de violência exercida contra as mulheres, como o tráfico humano. Por cá, segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, até setembro foram sinalizadas 29 vítimas deste crime.

LIFE CAN BE A FAIRYTALE IF YOU BREAK THE SILENCE



“A vida pode ser um conto de fadas se você romper o silêncio” é o título da campanha de Alessandro Palombo, com participação de Angelina Jolie e Madonna. A Disney também se associou à causa

LIFE CAN BE A FAIRYTALE IF YOU BREAK THE SILENCE



27 mulheres mortas neste ano. “Quebre o silêncio”

Violência doméstica. APAV indica que mais de 12 mil mulheres foram vítimas no ano passado. Campanha internacional lançada ontem

CARLOS RODRIGUES LIMA

“Não fique a assistir.” Este é o lema da campanha deste ano contra a violência doméstica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), lançada ontem, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Um apelo nacional que se junta à mensagem universal lançada pelo artista italiano Alessandro Palombo, que juntou várias celebridades, de Madonna a Angelina Jolie, passando por Miley Cyrus, todas a pedir que se quebre o silêncio (#BreaktheSilence é o nome do projeto).

Segundo Delfim Cotrim, assessor técnico da direção da APAV, o slogan português pretende sensibilizar as pessoas para o facto de se estar perante “um crime público, que deve ser denunciado”. Os números da APAV mostram que no ano passado 12 400 mulheres foram vítimas de violência. Já o Observatório de Mulheres Assassinas (OMA) revelou que neste ano 27 mulheres foram assassinadas em Portugal, a maioria com armas

brancas e de fogo utilizadas pelos maridos ou companheiros. Houve ainda 33 mulheres que foram vítimas de tentativa de homicídio, de 1 de janeiro a 20 de novembro, adianta o relatório da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), também divulgado ontem. Apesar de haver “um menor número de homicídios consumados e tentados” em 2015 comparativamente ao mesmo período de 2014, não se pode afirmar que “o femicídio está em tendência decrescente”, tendo em conta os últimos 11 anos, em que foram assassinadas 426 mulheres e 497 foram vítimas de tentativa de homicídio.

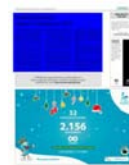
Um problema europeu

Em 2014, um estudo da Agência Europeia para os Direitos Fundamentais revelou que em média 39% das mulheres da União Europeia afirmaram conhecer outras mulheres, no seu círculo familiar e de amigos, que são vítimas de “violência doméstica”. As próprias admitiram desconhecer a existência de leis específicas sobre o problema nos respetivos Estados mem-

bros. Mais desconhecimento foi revelado quanto à existência de estruturas de apoio às vítimas: em média, quase uma em cada cinco afirmou não conhecer nenhum dos serviços de apoio às vítimas de violência.

“Na realidade, este tipo de criminalidade contra as mulheres, e em particular nas relações de intimidade presentes ou pretéritas, mantém uma estabilidade, contrariando a tendência decrescente verificada em Portugal do homicídio praticado noutros contextos”, sublinha o observatório. Daniel Cotrim, em declarações ao DN, lembrou: “Hoje, as vítimas de violência doméstica têm um estatuto só para si, mas isso só por si não defende nem protege as vítimas. O ónus, a responsabilidade de fazer prova, de pedir proteção, continua a estar na mão das mulheres que são vítimas de violência doméstica”, declarou Daniel Cotrim.

Porém, o assessor da APAV criticou a demora na aplicação nas medidas de coação e de afastamento das vítimas, tal como as pulseiras eletrónicas para os agressores.



Violência doméstica matou 27 mulheres em 2014

“Não fique a assistir” é o lema da campanha contra a violência doméstica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), lançada esta semana, no Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. É um slogan que pretende alertar para o facto de se estar perante um crime público que deve ser denunciado.

A APAV contabilizou 12400 mulheres vítimas de violência o ano passado, sendo que 27 mulheres foram mortas com armas brancas ou de fogo pelos maridos ou companheiros (segundo o Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA)) e 33 foram vítimas de tentativa de homicídio (dados da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR)).

Apesar de haver um menor número de homicídios consumados e tentados em 2015, comparativamente

ao mesmo período de 2014, mas nos últimos 11 anos foram assassinadas 426 mulheres e 497 foram vítimas de tentativa de homicídio.

Um estudo da Agência Europeia para os Direitos Fundamentais, datado de 2014, revelou que 39% das mulheres da União Europeia afirmaram conhecer outras mulheres, no seu círculo familiar e de amigos, que são vítimas de violência doméstica.

As próprias mulheres que participaram do estudo admitiram desconhecer a existência de leis específicas nos respetivos países sobre o problema da violência doméstica. Um desconhecimento que se estendia também em relação às estruturas de apoio às vítimas: em média, quase uma em cada cinco afirmou desconhecer a sua existência.

De acordo com os dados mais

recentes sobre esta problemática, as mortes de mulheres devido a violência doméstica é um tipo de criminalidade que mantém-se estável, contrariamente ao homicídio praticado noutros contextos, que em Portugal tem tido uma tendência decrescente.

Hoje as vítimas de violência doméstica podem contar com um estatuto próprio, mas há quem considera que não defende nem protege as vítimas, uma vez que a responsabilidade de fazer prova e pedir proteção continua a estar na mão das próprias.

A APAV alerta para o problema que constitui a demora na aplicação de medidas de coação que permitam o afastamento das vítimas relativamente aos agressores. A utilização de pulseiras eletrónicas para os últimos é uma das exigências. ■



ID: 62070531

29-11-2015 | Domingo

Concerto assinala 25 anos da APAV

O concerto 25 anos APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima decorreu no Pavilhão Centro de Portugal, com a actuação da Orquestra Clássica do Centro, dirigida pelo maestro David Wyn Lloyd.





life&styleeventos

CLASSICA 25.º ANIVERSÁRIO DA APAV

Orquestra Clássica do Centro

13.11.2015

 0  0  0

 Enviar

 Partilhar

 Imprimir

 Corrigir

 Feedback



CONCERTO 25 ANOS APAV

20 November · 🌐

DIA 20 | 21H30

Dia em que se assinala a
Declaração dos Direitos das Crianças 1959

CONCERTO 25 ANOS APAV

Orquestra Clássica do Centro

Bernardo Santos , piano

Martim Almeida, piano

Maestro David Wyn Lloyd

Obras de Felix Mendelssohn e Wolfgang Amadeus Mozart



Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as mulheres

A 25 de novembro assinala-se o "Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as mulheres", um dia marcado pelos números que ainda assombam o nosso país.

Só este ano, pelo menos 27 mulheres foram assassinadas pelos maridos ou namorados, maioritariamente com armas brancas e de fogo, quem o diz é o Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA).

Ainda assim são menos 14 mortes a registar face ao período homólogo do ano passado.

Os dados divulgados pela OMA mostram ainda que houve 33 mulheres vítimas de tentativa de homicídio, de 1 de janeiro a 20 de novembro.

Apesar de existir "um menor número de homicídios consumados e tentados" em 2015, comparativamente ao mesmo período de 2014, não se pode afirmar que "o femicídio está em tendência decrescente", refere a OMA no relatório da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR).

Isto porque e tendo em conta os últimos 11 anos foram assassinadas 426 mulheres e 497 foram vítimas de tentativa de homicídio.

A PSP corrobora estes dados, revelando que este ano o número de denúncias feitas por violência doméstica diminuiu 1,7% em relação ao ano passado, tal como diminuiu o número de crianças que assistiram a estes crimes, de acordo com as participações recebidas até ao início de novembro.

85% das vítimas são do sexo feminino

Também a APAV – Associação de Apoio à Vítima registou um total de 12402 mulheres vítimas de violência doméstica, entre 2013 e 2014. E adianta que destas situações reportadas à associação, em cerca de 45% dos casos não havia queixa criminal apresentada.

A APAV releva ainda que 85% das vítimas são do sexo feminino, sendo que 37% estão entre os 26 e os 55 anos.

A Associação de Apoio à Vítima distingue dois tipos de violência doméstica: em sentido lato e em sentido estrito, e apresenta os números entre 2013 e 2014, que mostram esta realidade:

	Crimes				
	Violência Doméstica	2013	%	2014	%
Violência doméstica: sentido lato	Abuso sexual de crianças	31	0,2	31	0,2
	Abuso sexual de menor dependente	13	0,1	13	0,1
	Abuso sexual de pessoa incapaz de resistência	3	0,0	5	0,0
	Devassa da vida privada/ gravações e fotos ilícitas	66	0,4	65	0,4
	Coação sexual	36	0,2	63	0,4
	Dano	108	0,6	140	0,8
	Homicídio consumado	6	0,0	3	0,0
	Furto/roubo	120	0,7	102	0,6
	Homicídio tentado	34	0,2	38	0,2
	Outros crimes	47	0,3	41	0,2
	Subtração de menor	27	0,2	26	0,1
	Violação	68	0,4	62	0,3
	Violação da obrigação de alimentos	51	0,3	46	0,3
	Violação de correspondência ou telecomunicações	94	0,5	93	0,5
	Violação de domicílio ou perturbação da vida privada	231	1,3	171	1,0
Subtotal	935	5,4	899	5,1	
Violência Doméstica: sentido estrito	Ameaça/Coação	3107	17,9	3273	18,4
	Maus tratos físicos	4683	27,0	4497	25,3
	Maus tratos psicológicos	6403	36,9	6525	37,3
	Injúrias/difamação	1647	9,5	1919	10,8
	Natureza sexual	221	1,3	272	1,5
	Outros crimes	356	2,1	260	1,5
	Subtotal	16417	94,6	16846	94,9
TOTAL	17352	100,0	17745	100,0	

Para assinalar a data, a APAV promove uma nova campanha de sensibilização assente na mensagem: "Não fique a assistir".

"A vida pode ser um conto de fadas, se quebrar o silêncio"

Celebridades e desenhos animados são a cara de uma campanha original sob o mote da violência doméstica, pelo artista



Exposição de fotografia em Lisboa revela transformação de vítimas de violência

Lisboa, 04 nov (Lusa) - Uma exposição com fotografias captadas por José Sarmiento Matos, que é inaugurada na quinta-feira, em Lisboa, procura desfazer estereótipos sobre as vítimas de violência e partilhar histórias de coragem de quem conquistou uma nova vida.

"São pessoas que sofreram muito e cujos traumas nunca vão desaparecer, mas conseguiram, com coragem, e ajuda de outros, libertar-se da violência e ultrapassar situações dramáticas", disse à agência Lusa o fotógrafo José Sarmiento Matos.

Intitulada "O Virar da Página", a exposição, que é inaugurada na quinta-feira no Espaço Novo Banco, em Lisboa, resulta de um projeto fotográfico produzido em Portugal sobre a transformação de pessoas que sofreram crimes violentos, feito em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A ideia do projeto partiu de José Sarmiento Matos, fotógrafo que já tinha colaborado com a APAV, e propôs fazer entrevistas às vítimas e fotografá-las na intimidade, depois de libertadas de uma realidade "que não vão esquecer nunca".

Violência doméstica, perseguição, abuso, tráfico humano, vítimas e familiares aceitaram falar do seu caso.

Partindo de contactos feitos pela APAV e com indicações de psicólogos para lidar com estes casos delicados, o fotógrafo percorreu todo o país e realizou 35 entrevistas, fotografando 30 das vítimas que aceitaram participar.

"Interessei-me por esta realidade e quis saber mais. Estava interessado em saber como estas pessoas tinham mudado de vida. Fui encontrar muitos casos de pessoas que viviam isoladas e que aceitaram uma situação durante muitos anos, pensando que o seu caso era único", relatou à Lusa.

Do projeto - que decorreu de setembro de 2014 a abril de 2015 - nasceu uma exposição com 20 fotografias e um vídeo, em que as vítimas falam na primeira pessoa, e que irá assinalar os 25 anos de vida da APAV.

"Estas pessoas tiveram a coragem de lutar contra a sua própria vergonha, medo e vulnerabilidade, pediram ajuda e aceitaram expor as suas histórias pessoais", com o objetivo de alertar a sociedade para o fenómeno da violência e encorajar outras vítimas a reagirem à situação e a procurarem apoio.

O fotógrafo de 26 anos, que divide a atividade entre Lisboa e o Reino Unido, encontrou algumas pessoas que poderiam ter sido libertadas mais cedo da sua "prisão" de violência, caso tivessem tido informação sobre onde e como pedir ajuda.

"Muitas delas chegaram a comunicar as situações de violência e abuso à polícia, mas não foi suficiente", apontou, comentando que as autoridades em Portugal não conseguem evitar as mortes que são noticiadas semanalmente no país.

Em Portugal, "a polícia tem boa vontade e faz um grande esforço, mas há uma grande falta de recursos, a justiça é lenta e protege pouco". "No Reino Unido é totalmente diferente. A polícia possui departamentos próprios para lidar contra a violência doméstica e o tráfico de pessoas".

Nascido em Sintra, em 1988, José Sarmiento Matos estudou jornalismo na Universidade Católica Portuguesa, e foi durante uma viagem à Austrália, em 2010, que descobriu a paixão pela fotografia documental.

Fez um estágio de fotojornalismo no jornal Público e um mestrado nessa área no London College of Communication, no Reino Unido. Foi um dos fotógrafos vencedores do prémio "30 Under 30" patrocinado pela Magnum Photo.



Seminário IVOR - 14 de Janeiro

O seminário IVOR: políticas centradas nas vítimas de crime, que decorrerá no dia 14 de Janeiro de 2016, em Lisboa, no hotel Olissipo Marquês de Sá, constituirá uma excelente oportunidade para debater questões como “De que forma introduzirá a directiva das vítimas uma melhoria na experiência concreta das mesmas?”; “Que soluções e melhores práticas poderão ser adotadas e partilhadas entre os estados-membros?”; com vista a identificar medidas, soluções e recomendações que promovam a implementação da directiva das vítimas.

Mais informações e registo disponíveis em <http://www.apav.pt/ivor>

APAV alerta para cibercrime

Para sensibilizar e prevenir o cibercrime, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou uma campanha contra este tipo de crimes. «Dá-me os teus dados que eu dou-te um milhão», «Dá-me a tua password que eu dou-te um iate» ou «Dá-me um milhão que eu dou-te o meu coração», são algumas das frases lançadas nesta ação de sensibilização.

No material de campanha, a APAV deixa aos cidadãos vários avisos como: «Todos os dias, mais de um milhão de pessoas é vítima de cibercrime» ou «Metade dos adultos que acede à Internet é vítima de cibercrime». A organização deixa ainda o apelo: «Não vá em conversas».

A campanha foi desenvolvida pela agência Havas Worldwide Portugal, no âmbito do «Projeto Proteus – apoiar vítimas de furto de identidade online», e tem especial enfoque no furto de identidade e phishing.

Em comunicado, a APAV recorda que «o uso generalizado de tecnologias de informação e comunicação e a conexão global através da Internet permitem a internacionalização da criminalidade e o aparecimento constante de novas formas de cometer estes crimes, perpetrados muitas vezes por associações criminosas com um elevado grau de organização e especialização».

Exposição. A vida depois da violência

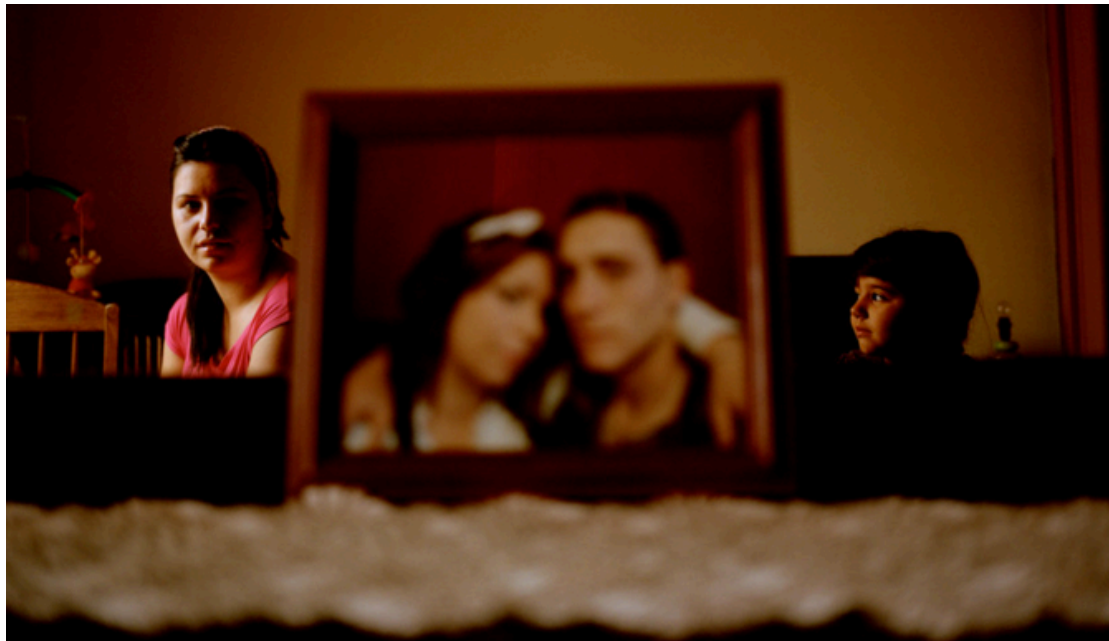


O que acontece às pessoas que sofrem crimes violentos? José Sarmento Matos, em colaboração com a APAV, procurou encontrar uma resposta. O resultado é "O Virar da Página", um documentário fotográfico que fala sobre as transformações e as lutas interiores das vítimas. Entre Setembro de 2014 e Abril de 2015, mais de 30 pessoas foram fotografadas e relataram a violência que viveram. Até 20 de Dezembro, a exposição pode ser vista no Espaço Novo Banco, no Marquês de Pombal, Lisboa

JOSÉ SARMENTO MATOS (FOTOGRAFIAS)

CULTURA

Quebrar o silêncio para virar a página



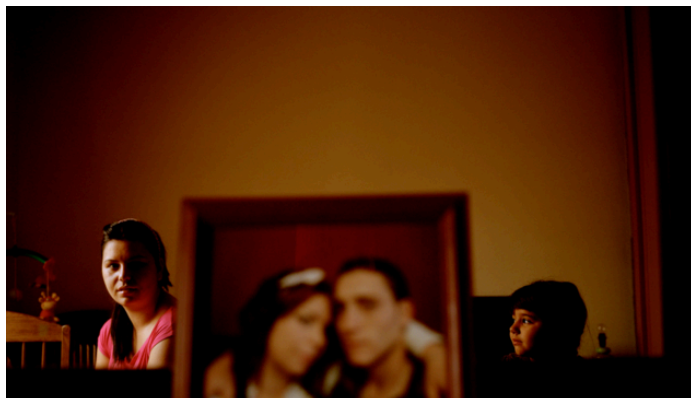
“Há uma grande diferença entre o presente e o passado. Há uma grande diferença entre ser feliz e estar em sofrimento.” A constatação, aparentemente simples, foi proferida por uma jovem, vítima de abuso físico e sexual quando era apenas criança, e cuja história é agora retratada numa exposição de fotografia. “O Virar da Página” é o retrato da sua força de vontade e capacidade mudança – e de mais 29 pessoas que, como ela, viveram situações de violência e vulnerabilidade



MARIA JOÃO BOURBON

Virar a página da tragédia para a esperança

VISÃO SOLIDÁRIA | 13.11.2015 às 10h54 Vânia Maia



Depois de uma vida de violência doméstica, foi aos 53 anos que Angelina viu o ex-marido disparar contra si, a sua filha, a mãe e a tia. Só Angelina e a filha sobreviveram.

Desesperado, António foi obrigado a sair de casa por causa dos maus-tratos infligidos pelo próprio filho.

Nicole engravidou aos 12 anos e viveu o inferno na casa da família do namorado, onde os abusos físicos e sexuais pareciam não ter fim.

Estas são apenas três das trinta histórias que o fotógrafo José Sarmento Matos, 27 anos, retratou através da sua lente. Violência doméstica, tráfico humano, perseguição ou a morte de um ente querido são algumas das experiências traumáticas relatadas pelos protagonistas da exposição O Virar da Página, que pode ser visitada gratuitamente no Espaço Novo Banco, em Lisboa.

Apenas três homens aceitaram contar as suas histórias, os restantes casos contam-se no feminino. Em comum, têm o facto de todos serem ou terem sido apoiados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), parceira da iniciativa.

José Sarmento Matos pretendia, acima de tudo, retratar pessoas, resgatando-as do pesado estatuto de vítimas.

Cinemateca e APAV promovem sessão de cinema especial

02/11/15

CULTURA



No 25º aniversário da Associação de Apoio à Vítima, a Cinemateca promove uma sessão especial, no dia 6 de Novembro, com a exibição do filme *“Mouchette: Amor e Morte”*, de Robert Bresson. A sessão insere-se no programa *“25 Anos a dar voz ao silêncio”*, decorrido ao longo de todo o ano.

“Mouchette: Amor e Morte” é a oitava longa-metragem de Bresson, cuja narrativa descreve a experiência de Mouchette, uma jovem vítima de violência doméstica por parte do pai, que assume, simultaneamente, o papel de cuidadora da mãe e do irmão. Ao peso do contexto familiar somam-se as circunstâncias da sua frequência escolar, marcadas pela ira de uma professora e o gozo dos colegas. Ainda que possa constituir uma narrativa simples, os planos preenchem-se de um sentido poderoso, aliados ao perfeccionismo das imagens e do som que caracterizam a obra.

A APAV caracteriza-se pela sua participação em iniciativas públicas relevantes: para além da sua acção ao nível de contextos particulares, promove uma atitude consciente relativamente aos problemas da actualidade, convocando, assim, a participação e o envolvimento dos cidadãos. Deste modo, ao carácter de consciencialização une-se a dimensão lúdica, possibilitando o surgimento de momentos de debate e reflexão crítica sobre a prevalência de problemas cada vez mais actuais - a violência nas sociedades contemporâneas. A criatividade está no facto de se abordarem questões relevantes, no seio do espaço público, a partir do interesse dos cidadãos na sétima arte - o Cinema deixa de figurar como ferramenta de distração, para passar a instrumento de emancipação dos indivíduos.

Dia 6 de Novembro, sexta-feira, na Cinemateca, a exibição do filme de Robert Bresson constituirá não só um momento de fruição artística, mas também de envolvimento dos cidadãos nas problemáticas actuais. Os bilhetes variam entre 1,35€ e 3,20€.

Mural "Introspecção" para recordar que as vítimas existem

autoria Frederico Draw e Rodrigo Alma // data 24/11/2015 - 16:27 // 1830 leituras



No âmbito das comemorações dos 25 anos, a [APAV](#) promoveu a realização do mural de arte urbana "Introspecção", criado pelos artistas [Frederico Draw](#) e [Rodrigo Alma](#), do Colectivo RUA, que colaboraram neste projecto de forma voluntária. O mural Introspecção "foi criado com o objectivo de comunicar a missão da APAV à comunidade onde se insere, através da arte". Realizado entre os dias 7 e 9 de Novembro, o projecto contou com o apoio do Hotel Neya e da Galeria de Arte Urbana da Câmara Municipal de Lisboa. O mural localiza-se na Rua Dona Estefânia, em Lisboa.